

A TRANSGRESSÃO INICIÁTICA DE JESUS SEGUNDO JOSÉ SARAMAGO

Maria da Conceição Flores
Universidade Potiguar

Quando me perguntas quem sou, talvez queiras saber como me chamo. (...) Que aparência tenho é puro acaso, ou melhor, as circunstâncias determinam-na, criam-na, sem que eu me preocupe com ela.

Thomas Mann

Reescrever um “evangelho” intitulado “segundo Jesus Cristo”, mesmo em final de milênio, é um desafio, pois o mito de Jesus, na civilização ocidental, é escritura fundadora e segue fixando parâmetros sociais, morais e religiosos. Pois bem. José Saramago ousou escrever um romance intitulado *O evangelho segundo Jesus Cristo*, cujo narrador se autodenomina “evangelista”. Partindo do mito universalmente conhecido de Jesus, anunciado no Velho Testamento pelos profetas e contado no Novo pelos evangelistas, o autor estabelece um “canto paralelo”, que dialoga com os textos primeiros, preenchendo lacunas mitológicas, numa tessitura polifônica e dialógica em que todos os personagens são duplos destronantes de seus homônimos bíblicos.

A paródia, porque de fato estamos perante uma paródia, inclui-se nos discursos duplamente orientados, pois volta-se, simultaneamente, para a palavra comum e para “o discurso de um outro”,¹ inserindo um corretivo na seriedade unilateral do discurso elevado. E o parodiador, à semelhança de Lúcifer, é um anjo caído

¹ BAKHTIN, 1981, p. 161.

que trai Deus/Pai, lançando luzes sobre o “proibido”, instaurando um novo paradigma.

Os evangelhos canônicos narram o mito de Jesus e, como tal, não apresentam uma biografia do herói, posto que o objetivo é estabelecer conceitos globais que fundamentam a axiologia. Uma mitologia, segundo Frye, “é um modelo cultural que exprime a maneira pela qual o homem quer formar e reformular a civilização que ele mesmo criou”.² Assim, os textos míticos apresentam lacunas, que não “devem” ser questionadas, são campo do sagrado, dogmas de fé, discurso monológico, que se pretende eterno. A literatura, porém, tem outro estatuto – o estético – e seu espaço é o do profano. Este ensaio é uma leitura do rito de iniciação de Jesus. Como veremos, essa iniciação será feita pelo rival de Deus, o diabo.

Na cultura ocidental, o diabo simboliza as forças que perturbam, inspiram cuidados, enfraquecem a consciência, fazendo com que ela se volte para o indeterminado, para o ambíguo. O papel do diabo é o de espoliar o homem, de tirar-lhe a graça de Deus, para o ter submisso à sua dominação. É a síntese das forças desintegradoras, reina sobre as forças ocultas.³

A Bíblia é farta de exemplos do poder do diabo e de sua astúcia para seduzir o homem. Ele é responsável pela tentação de Eva, que, sucumbindo à proposta da serpente, comeu do fruto proibido, ofereceu-o a Adão e fez com que o paraíso fosse perdido para sempre, até a tentação inglória de Jó, que jamais se entregou às artimanhas do maligno. No Novo Testamento, Jesus é tentado no deserto, expulsa o demônio do corpo dos possessos e sua morte na cruz foi a vitória sobre os principados e potestades, expostos ao ridículo (Col 2, 15). Muitos são os nomes, com que é designado. Diabo, de origem grega e que significa acusador, caluniador; Satã, de tradição hebraica, que equivale a inimigo, adversário; demônio,

² FRYE, 1984, p. 15.

³ CHEVALIER, 1993, p. 337-8.

da tradição grega, que tem uma conotação plural – significava os acompanhantes etéreos dos gregos, os *daimones* –, só mais tarde passou a designar os espíritos maus.

A ambigüidade na aparência e na conduta do diabo contribuiu para que a lista de nomes seja quase inesgotável. Cousté enumera uma centena de formas e encarnações diabólicas de todos os tempos e lugares.⁴ Afinal, para quem tem a capacidade de mimetismo, o nome e a aparência pouco importam; a situação é que os determina. Quanto à sua história, ele é tido habitualmente como um anjo rebelde, que, por sua soberba, foi expulso do paraíso. Chamado de “o macaco de Deus”, por imitá-lo em tudo, milagres e prodígios, é considerado uma paródia de Deus.⁵

Segundo Prudêncio, poeta espanhol dos séculos IV e V (384-415), Satã teria sido criado a partir de si mesmo, portanto não devia a Deus sua própria existência, o que o isentava de prestar-lhe obediência. Esse teria sido o argumento para convencer os anjos a seguirem-no na rebelião. Outra teoria é que o diabo não se conformara com a criação do homem, feito à imagem e semelhança de Deus, e, por ciúme e inveja, instigara os anjos à revolta. A teoria predominante, contudo, é que a soberba e o orgulho teriam provocado sua queda: ele seria um anjo rebelde. Na medida em que Deus cria criaturas livres, não teria podido intervir para dissuadi-lo de sua rebeldia.⁶

O certo é que a figura do diabo, tal como se apresenta hoje, foi sendo elaborada ao longo dos séculos pelos Padres da Igreja. Tido como o tentador, exerce seu poder sobre os “fracos”, especialmente sobre as mulheres. Uma de suas formas preferenciais de ação é sobre a atividade sexual. Lilith, íncubos e súcubos seriam algumas das formas de manifestação, que invadem sonhos e desejos

⁴ Cf. COUSTÉ, 1996, p. 251-77.

⁵ CHEVALIER, 1993, p. 338.

⁶ COUSTÉ, 1996, p. 19-21.

reprimidos. A Inquisição encarregou-se de mapear as atividades femininas “suspeitas”, elaborando o *Malleus Maleficarum*, cujo texto foi aprovado pela Faculdade de Letras da Universidade de Colônia, em 1487. Segundo os pesquisadores, milhares de mulheres foram mortas pelos tribunais do Santo Ofício nos autos de fé, que se mantiveram na Península Ibérica até ao século XIX.⁷

Giovanni Papini (1881-1956) cogita que a tentação de Satanás a Jesus para que este transformasse as pedras em pães seria a libertação da condenação divina “Comerás o teu pão com o suor do teu rosto” (Gn 3, 19), proferida no momento da queda. Tentativa para que Deus se retratasse através de seu filho, ou desejo de liberar o homem da herança milenar de expiação, através do trabalho? Por esse ponto de vista, o diabo seria “como um redentor material, como um amigo do homem”. Papini avança que, se o Diabo não existisse, não existiriam santos, pois, não havendo tentações, parâmetros de virtude a ser seguidos, nem tampouco leis a transgredir o homem ter-se-ia tornado uma criatura amorfa. Conclusão: “pode-se afirmar que o Diabo é, por vontade divina, um coadjutor de Deus.”⁸

Seguindo a teoria de Papini, deduz-se que o diabo é o duplo de Deus, aquele que o completa na oposição, estabelecendo uma dualidade tal que um não existe sem o outro. O diabo é o *outro*, estabelece os limites de Deus, nega-o, mas é indispensável para a fixação de parâmetros. O certo é que a cultura judaico-cristã está assente no dualismo antinômico. Deus/Diabo, bem/mal, pecado/grça, Céu/Inferno, santo/pecador, etc. São pares antitéticos que têm regido os padrões culturais ocidentais, imposto normas de conduta, mesmo aos ateus. Não se trata apenas de padrões religiosos, pois, a partir do Concílio de Nicéia, o cristianismo tornou-se religião de Estado, impondo seus padrões à sociedade laica e proibindo qualquer outra religião. Foram séculos de hegemonia cristã, que

⁷ MURARO, 1993, p. 13.

⁸ Apud COUSTÉ, 1996, p. 105-6.

cristalizaram valores decorrentes dessa ideologia e formam o substrato cultural em que vivemos.

Como veremos, Jesus não passa de um adolescente, cuja iniciação será presidida pelo diabo. O jovem, para se inserir no mundo cultural, é introduzido através de ritos de iniciação. Os ritos de iniciação consistem em provas a que é submetido, visando à fixação de valores e paradigmas culturais. Os ritos podem ser positivos e negativos. Os negativos consistem em proibições, em ordens de não fazer, habitualmente chamadas de tabus, os quais não são autônomos: existem na medida em que são a “contrapartida dos ritos positivos”.⁹ No processo iniciático, os ritos de passagem ocupam lugar de destaque. Nas sociedades primitivas, consistiam na exclusão simbólica do jovem da estrutura social por um tempo determinado, durante o qual era submetido a diferentes provas, ao contato com forças demoníacas, fora do *socium*, a fim de ser purificado e retornar ao *socium*, num outro estatuto que o insere noutra posição.¹⁰

Vejamos como ocorre essa iniciação. Jesus saiu de casa, estava obcecado pelo sonho herdado do pai, pela omissão imperdoável de José, que assim se tornara responsável pela matança dos inocentes. Uma questão atormentava aquele adolescente: “Quantos, queria saber que quantidade fora preciso pôr no outro prato para que o fiel da balança declarasse equilibrada a sua vida salva.”¹¹

Partiu, iria a Jerusalém, a Belém, queria ver a terra onde nascera e saber quantos inocentes haviam sido necessários para salvar sua vida. Não ousara perguntar à mãe quantos tinham sido “os putos que passaram desta para melhor” (p.191). A ironia de Saramago corrói

⁹ GENNEP, 1978, p.27.

¹⁰ MIELITINSKI, 1987, p. 264.

¹¹ SARAMAGO, 1994, p.192. A partir de agora, as citações referentes a *O evangelho segundo Jesus Cristo* serão indicadas apenas pelo(s) número(s) da(s) página(s) no corpo do texto.

esse *Evangelho*, pois, ao usar uma linguagem coloquial, desenroniza as imagens elevadas do texto mítico. Continuemos. Maria afligia-se com o destino de seu primogênito, mas ele estava determinado e disse: “Trabalharei no campo, farei de pastor, pedirei aos pescadores que me deixem ir com eles ao mar” (p.193).

Ora, Nazaré é uma terra de parques recursos. Por lá não há agricultura, nem pastoreio, muito menos pescadores, pois não fica à beira do rio nem à beira-mar. São esses os ofícios, no entanto, que Jesus se propõe. Filho de carpinteiro, carpinteiro seria, contudo não estava fadado a fundar “uma dinastia de carpinteiros” (p. 135). Tudo será, exceto isso! A ironia é revelada na escolha das profissões, pois as parábolas do Jesus mítico são construídas tendo-as como referência. É um desmonte paródico que vai sendo efetuado para corroer a imagem elevada do Jesus bíblico.

Na noite em que Jesus foi embora, Maria ouviu a cancela da porta ranger, pensou ser o filho, contudo, ao espreitar pela frincha da porta, viu “um vulto alto e negro”, que “era, enorme, gigantesco, imenso, o mendigo, coberto de farrapos como da primeira vez e também como da primeira vez, agora quiçá por efeito do luar, subitamente vestido de trajes sumptuosos que um sopro poderoso agitava.” (p.195).

Era o velho conhecido, o mendigo que lhe anunciara que estava grávida. Que artes possuía para dar a ilusão de estar suntuosamente vestido, de deixar um “rastro de luz” que “cintilava como uma via láctea”, de desaparecer subitamente como se tivesse “asas”? A planta, que nascera da “terra luminosa” deixada como penhor da visita, fora arrancada pela raiz; não era necessário aquele marco, pois Jesus não morava mais ali. Ele também havia sido arrancado de sua casa pela revelação brutal da omissão de seu pai, pela herança recebida que o atormentava todas as noites.

Jesus não passava de “um mocinho de treze anos”, com “uma ferida na alma”, um inconformado. A saída de casa era a tentativa de sarar aquela ferida, mas talvez essa decisão acarretasse outras, e “todas elas juntas [fariam] uma única e definitiva dor.” (p. 200).

O narrador intervém, com um aparte, trazendo-nos para o tempo em que vivemos, em que as dores da alma e suas seqüelas são tratadas nos divãs dos psicanalistas. “Freud, Jung, Groddeck e Lacan” não eram nascidos, das teorias para compreender e desvendar a *psykhe* nada se sabia, mas os exemplos que abundam nos “escritos” judaicos levam o narrador a inferir que “um homem, seja qual for a época em que viva ou tenha vivido, é mentalmente contemporâneo doutro homem duma outra época qualquer.” (p.200).

Esse comentário introduz uma ruptura na narrativa, criando um distanciamento em relação ao narrado, inserindo um corretivo irônico na postura cientificista do nosso século, que pretende resolver todas as feridas da alma humana com postulados científicos. O homem, afinal, é sempre contemporâneo de todos os outros que o precederam, pois suas angústias e desejos continuam os mesmos... A psicanálise explicaria o sonho herdado como culpa edípica, pois, ao nascer, Jesus condenou, simbolicamente, seu pai à morte, o que iria ocasionar sua própria morte.

Os apartes do narrador continuam entremeando a narrativa. Após contar a chegada de Jesus a Jerusalém, a repetição do sonho, a prece dita ao raiar do dia, o narrador mostra uma nostalgia do tempo que passou e não voltamos. O desejo de poder retornar no tempo e encontrar “este rapazito, Jesus filho de José, enroladinho na curta manta de pobre, a olhar as casas de Jerusalém e a dar graças ao Senhor por não ter sido ainda desta vez que perdeu a alma.” (p.203).

Tal postura denuncia a ironia desse evangelista que, ao relatar os “fatos” ocorridos há dois mil anos, tem plena consciência ficcional da narrativa espelhar “uma memória inventiva”, na qual “foi assim, não foi assim” é mera especulação, pois “tudo é o que dissermos que foi.” (p.204) A ironia revela-se não só no distanciamento crítico em relação ao passado como também na cumplicidade estabelecida com o leitor, que, inúmeras vezes, é lembrado do pacto ficcional. Esse jogo lúdico aponta para uma ironia sutil do narrador, que parece dizer: “não vos escandalizeis, estamos no domínio do inventivo, esta é apenas ‘uma história possível’.”

Jesus foi ao Templo procurar respostas para o seu sonho. Os anciãos e escribas ali estavam para responder a questões e dar conselhos. Um homem indagava ao escriba sobre a interpretação das palavras do Senhor proferidas a Moisés, prometendo paz na terra de Israel, e os dias difíceis vividos pelos judeus, oprimidos pelos romanos. O diálogo foi tenso e demorado, Jesus aguardou o término e disse querer saber “sobre a culpa”. O ancião pediu que ele se explicasse melhor e Jesus acrescentou: “da culpa que eu tenha mesmo não tendo pecado diretamente” (p.211). Outros interlocutores se intrometeram no diálogo e, quando todos se preparavam para sair, Jesus disse ao escriba que ele não tinha respondido à sua pergunta. Após “um longo, quase insuportável silêncio”, o escriba disse: “a culpa é um lobo que come o filho depois de ter devorado o pai,” (p. 213); Jesus acrescentou “esse lobo de que falas já comeu o meu pai”, e o escriba disse a sentença final “então só falta que te devore a ti” (p. 213).

Jesus precisava refletir sobre as respostas do escriba, mas tudo se resumia na “fome eterna do lobo”, ou seja, ele também era culpado e, certamente, seria devorado por esse mesmo “lobo”. Partiu para Belém, lá encontraria, provavelmente, testemunhas do crime de seu pai e ficaria sabendo quantas tinham sido as vítimas que lhe haviam salvo a vida. Chegando lá, encontrou um túmulo, com “as inscrições meio apagadas”. Suas dúvidas foram respondidas quando uma mulher lhe disse ser o de “vinte e cinco meninos que foram mortos há muitos anos” (p.215). Indagando da razão das mortes, ficou sabendo que “nunca se soube, até hoje”. Jesus tirou do alforje o resto de pão, “esfarelou”, “espalhou-o ao longo da porta, como uma oferenda” e disse uma prece. Parada, “uma velha muito velha” perguntou se procurava alguém. Jesus respondeu com um não, mas disse ter nascido naquela aldeia, numa cova e que gostaria de ver o lugar. A velha, que se chamava Zelomi, quis saber como ele se chamava, quem eram seus pais e de onde vinha. Respondidas essas questões, disse conhecê-lo, ter sido sua parteira. Atordoado com tal revelação, Jesus pediu-lhe que o levasse à cova onde tinha nascido.

O narrador interrompe o decorrer dos fatos, para tecer comentários acerca da verossimilhança. Retomando o conceito aristotélico, comenta que é necessário que o “episódio imaginado e descrito” possa tornar-se “em facto, em dado da realidade”, senão o narrador terá abusado “da confiança do leitor” (p.222). Considerando tê-lo feito no episódio do encontro com a velha Zelomi, usa o registro familiar, “sem tir-te nem guar-te”, “dar de caras” (p.222), para realçar o inusitado do encontro de Jesus com a velha parteira. Ora, a mudança de registro, do erudito para o popular, é uma das vias para atingir a ironia. Os comentários do narrador são irônicos. Mesmo quando parecem ter um tom sério e culto, sua finalidade parece a de estabelecer um pacto com o leitor, num jogo lúdico e ambíguo que a toda a hora nos lembra que estamos na ficção.

Retornemos à narrativa. Zelomi levou Jesus à cova onde ele tinha nascido. Ele ficou sozinho, os acontecimentos do seu passado invadiram-no – lembrou seu nascimento, viu a manjedoura onde dormira, seus pais, no entanto, seria impossível ouvir o grito que dera ao nascer e “os gritos de morte dos meninos e dos pais que os viam morrer” (p.223). A cova guardava apenas o silêncio. Jesus pensava no crime do pai, sabendo que “essa culpa” o mataria. Um “rio de agônicas lágrimas” brotou de seus olhos e “irá deixar para sempre nos olhos de Jesus uma marca de tristeza, um contínuo, húmido e desolado brilho, como se, em cada momento, tivesse acabado de chorar.” (p.223).

Esgotado com os acontecimentos, Jesus adormeceu. Sonhou que ia a Belém confessar “a tremenda culpa”, para que o pudessem “atormentar e torturar”, pois “só pelo castigo e pelo sacrifício da carne se poderá alcançar a absolvição e o prémio do espírito.” (p. 224). Vê “todas as mães de Belém com os filhos mortos” e a única, que tem o filho vivo, diz-lhe: “Se não podes restituir-lhes a vida, calate, diante da morte não se querem palavras.” Aquela mulher, sua mãe, que ele parece não reconhecer, preparava-se para anunciar: “Tu não tens culpa, vai-te.” (p.224)

Todavia Jesus já não a ouviu, tendo perdido a oportunidade de sair do sonho com “o corpo salvo”. Despertou com um “ofuscante clarão”, viu um homem alto, “gigantesco”, como Golias, com um “sorriso comprazido de quem, tendo procurado, achou.” (p. 225).

Reveladora do tom paródico-irônico que preside esse *Evangelho* é essa nova intromissão do narrador, “as ilusões de óptica, sem as quais não há prodígios nem milagres, não são uma descoberta da nossa época, basta ver que o próprio Golias só não foi para jogador de basquetebol por ter nascido antes do tempo.” (p. 225).

O narrador não se restringe a narrar somente os fatos ocorridos ao longo da estória; interfere com comentários, que são tomadas de posição em relação à narração. A narração, *grosso modo*, pode ser definida como o encadeamento dos acontecimentos numa ordem espacial-temporal, tendo o narrador o papel de conduzir e ligar os acontecimentos. Ocorre que ela se desenvolve em dois planos, o do discurso (enunciação) e o da estória (enunciado) e esses se cruzam. A maneira pela qual o narrador conta a estória e, sobretudo, a distância crítica em relação aos fatos narrados espalham uma ironia e uma ambigüidade na narrativa, estabelecendo um jogo paródico com as narrativas sagradas. É impossível não sorrir com os comentários do narrador...

Afinal quem é aquele homem “gigantesco” como Golias? Entabulou conversa com Jesus, perguntando, casualmente, quem ele era, quem eram seus pais, etc, etc. Tudo mero pretexto para se introduzir, pois sabia muito bem todas as respostas e confessou-o: “conheço-te desde sempre”. Jesus quis saber quem era aquele homem, perguntou-lhe o nome, e ele disse que, para as suas ovelhas, não tinha nome, mas que podia chamá-lo Pastor. Ora, a palavra “pastor” é um substantivo comum, que designa o homem que apascenta os rebanhos; no sentido figurado, aquele que exerce uma autoridade. A etimologia latina revela que “pastor” tanto pode ser aquele que provê o alimento do corpo físico, como aquele que se encarrega do alimento espiritual, dado que *pastus* significava tanto

a alimentação física quanto a espiritual.¹² Na antiguidade latina, “Pastor” também era um nome próprio. Aqui, propositalmente, é o nome do homem com quem Jesus passará quatro anos. Será ele quem ministrará o “alimento”, rito iniciatório de transgressão.

Jesus oferece-se como ajudante e o homem aceita-o, dizendo: “Recebo-te no meu rebanho.” A ambigüidade da resposta, pois não se trata de uma ovelha e sim de um ser humano, é a desentronização do pastor bíblico. Acrescentou: “Este é o meu rebanho, cuida tu de não vires a perder um só destes animais” (p. 227), e preparou um cajado para Jesus. Ao alvorecer, o pastor “sacudiu Jesus”: era a hora de começar o trabalho.

O narrador vai logo avisando o tempo que Jesus passará com o pastor, pois “daqui a quatro anos Jesus encontrará Deus.” (p. 228). A estratégia de antecipar acontecimentos futuros insere-se num jogo de cumplicidade estabelecido com o leitor. Todos nós ficamos sabendo pelo título, pelas epígrafes e pelo capítulo inicial que esse *Evangelho* será a reescritura paródica dos evangelhos universalmente conhecidos, o que vale dizer, *grosso modo*, que iremos deparar com acontecimentos conhecidos de todos nós. Então, onde estariam a surpresa, o novo, a arte de prender o leitor? A nosso ver, o pacto ficcional estabelecido está alicerçado na inversão paródica dos evangelhos canônicos, na criação de duplos destronantes dos homônimos bíblicos, no dialogismo com os textos sagrados, que, transplantados do contexto original e inseridos no novo “corpo”, são citações corroídas pela ironia. A ironia desse novo “evangelista” é uma arma poderosa, que catapulta o leitor na narrativa, onde nada poderá ser lido de forma ingênua, sob sanção de ser perdido o melhor, correndo-se o risco de avaliar o romance como uma grande heresia.

Como decorrerão esses quatro anos, até o encontro com Deus? Naquele tempo, diz-nos o narrador, a atividade de pastor

¹² TORRINHA, 1945, p. 809.

é trabalho para servo ou escravo bruto, obrigado, sob pena de castigo, a dar constantes e pontuais contas do leite, do queijo e da lã, sem falar do número de cabeças de gado, o qual sempre deverá estar em aumento, para que possam dizer os vizinhos que os olhos do Senhor contemplam com benignidade o piedoso proprietário de bens tão profusos (p. 229).

A história do povo eleito de Deus, no entanto, é permeada pela figura do pastor. Abel era pastor e teve suas oferendas, “primogênitos do seu rebanho”, aceitas por Deus que rejeitou os “frutos da terra” de Caim, lavrador (Gn 4, 1-5). Sete anos de pastor Jacó serviu Labão, pai de Raquel, mas não serviu ao pai, serviu a ela, que só a ela por prêmio pretendia (Gn 29, 18). Jacó, mais tarde chamado por Deus de Israel, foi aquele de quem nasceu “um povo e uma assembléia de povos.” (Gn 35, 9-13). Davi também foi pastor e Deus o fez chefe de seu povo (1 Sm 7, 8).

A imagem de Deus como pastor que conduz suas ovelhas é usada, com frequência, tanto no Velho como no Novo Testamento. São célebres os versículos “O Senhor é meu pastor, nada me faltará.” (Sl 22, 1) e “Eu sou o bom pastor. Conheço as minhas ovelhas e as minhas ovelhas conhecem a mim.” (Jo 10, 14). Numa civilização de criadores nômades, essa imagem carrega um simbolismo religioso, como acabamos de ver. É uma imagem privilegiada que simboliza a vigília, cuja função é um exercício constante de vigilância, de quem está sempre desperto e tudo vê, providenciando para que o mal jamais aconteça. Também traz a idéia de proteção ligada a um conhecimento, pois o pastor sabe qual o alimento que convém às suas ovelhas; é um bom observador da natureza, capaz de prever o tempo; distingue os ruídos, conhecendo o balido da ovelha desgarrada e a chegada dos lobos. O pastor é detentor de uma sabedoria intuitiva e experimental, assemelhando-se a um sábio cuja ação deriva da contemplação e da visão interior.¹³

¹³ CHEVALIER, 1993, p. 691-2.

Poderíamos ainda acrescentar outras passagens bíblicas nas quais a imagem do pastor está presente, pois são inúmeras. Nosso objetivo, contudo, não é a exegese bíblica e consideramos que as escolhidas mostram claramente os dois sentidos da palavra. Ora é usada literalmente, significando a atividade exercida por quem cuida de rebanhos, ora é empregada metaforicamente, designando sempre Deus ou seu filho, Jesus Cristo. Para os cristãos, o sentido metafórico é o dominante. Jesus é o bom pastor, aquele que trata do seu rebanho com muito zelo abandonando noventa e nove ovelhas para achar a ovelha perdida.

Ironicamente, as passagens da narrativa que se seguem pedem para serem lidas metaforicamente também, no entanto, encerram um sentido outro. Vejamos: quem é esse pastor que não parece “ter amo que o governe”, desperdiça lã, “não aproveita o leite (...) não vende cordeiro ou cabrito do seu rebanho, nem mesmo pela altura da Páscoa” (p. 229), que confessa não ser dono do rebanho e este sempre ter existido? Quando Jesus lhe perguntou desde quando era pastor, a resposta foi, “não sei, talvez cinquenta vezes a idade que tens” (p. 230). Esse absurdo levou Jesus a achar admissível pensar que não se tratava de ser humano.

Atemorizado com esse pensamento, não ousou perguntar: “Que és então”? Sabia que, certamente, não era um “anjo do Senhor”, pois não entoava nunca glórias ao Senhor, nem tampouco nenhuma das bênçãos que os judeus daquele tempo emitiam “aí umas trinta vezes ao dia” (p. 232). Jesus disse-lhe que partiria, porque ele não cumpria “suas obrigações para com o Senhor” (p. 232) e ouviu-o responder que não era judeu, assim não tinha tais obrigações. Naquele tempo havia muitos estrangeiros naquela terra, Jesus sabia-o e exclamou: “Só o Senhor é Deus”. Seguiu-se, então, um debate. Jesus disse ofender ele a Deus com “pensamentos ímpios” e que Deus não dormia. Ele respondeu-lhe: “Ainda bem que não dorme, dessa maneira evita os pesadelos do remorso” (p. 233).

Jesus ouviu também que era o herdeiro de seu pai. Não agüentou tal revelação; caiu no chão aos prantos. O Pastor disse:

“Lembrar-te-ás sempre de que conheço tudo a teu respeito desde que foste concebido” (p. 234). Resolveu ficar, queria saber quem era aquele pastor.

Jesus começou a observar que, enquanto fazia suas preces, o Pastor, coincidentemente, baixava-se, colocava as palmas da mão na terra, curvava a cabeça, fechava os olhos, mas não dizia palavra alguma. Lembrou-se da estória ouvida de uns velhos, quando era menino. Eles contaram que no interior da terra existia um mundo, “em tudo cópia e reflexo deste em que vivemos”, criado pelo diabo, depois de ter sido expulso por Deus, do céu. Disseram que Deus e o diabo tinham sido muito amigos, por isso o diabo assistira à criação de Adão e Eva. Assim, aprendera a fazer o homem e a mulher. Apenas uma diferença fizera na sua criação: nada era proibido – no mundo do diabo não havia pecado original. Os velhos foram expulsos a pedradas por nazarenos furiosos e houve um rápido abalo sísmico, como uma confirmação do interior da terra, de onde deveriam ter vindo.

Jesus acreditou, “por momentos”, que o Pastor seria um homem vindo do mundo criado pelo diabo. Perguntou por que pousava as mãos no chão, assim “de leve”. O Pastor respondeu:

Os pés não percebem nada, o conhecimento é próprio das mãos, quando tu adoras o teu Deus não é os pés que levantas para ele, mas as mãos, e contudo podias levantar qualquer parte do teu corpo, até o que tens entre as pernas, se não és eunuco. (p. 236).

Corou de vergonha com aquelas palavras, e o diabo disse que Jesus não deveria ofender a Deus, pois nunca o tinha visto. O Pastor estava interessado em continuar a conversa: instigava Jesus com perguntas embaraçosas. O menino afirmou que aquela “parte do corpo” era maldita. Seguindo a lógica da criação divina do homem, o Pastor explicou que isso não era possível, por ser o órgão obra de Deus e mandou Jesus para escolher uma ovelha, tendo este perguntado para quê. Quando entendeu do que se tratava, repetiu as palavras do Levítico 20, 15: “Se um homem se ajuntar com um animal, será punido com a morte, e matareis o animal” (p. 237).

Sarcástico, o Pastor perguntou se o Senhor dissera tudo aquilo. Jesus respondeu afirmativamente e disse-lhe que se afastasse, pois não era “criatura de Deus, mas do Diabo”. Havia decidido não mais acompanhá-lo, mas não cumpriu sua decisão.

Jesus continuou a viver com o Pastor, acabou por sentir-se bem na sua companhia, mas o pesadelo persistia todas as noites. Pela Páscoa, tempo de ir a Jerusalém fazer o sacrifício ritual no Templo, Jesus partiu. Ia a Jerusalém, porém não quis cordeiro daquele rebanho. Não tinha dinheiro, trabalhava apenas pela comida, mas haveria de encontrar maneira de apresentar-se no Templo com seu cordeiro. Na estrada, sentou-se de mão estendida, recebeu algumas moedas dos peregrinos, as quais não davam para a compra, quando um homem, “um patriarca”, parou, perguntou quem era ele e se não tinha família. Satisfeita a curiosidade, o velho mandou um dos homens do grupo dar-lhe um cordeiro. Aquele “homem de muita idade, com uma comprida barba branca” (p. 247) e sua família sumiram subitamente. Quem poderia ser aquele “judeu velho” que, providencialmente, solucionou a falta do cordeiro pascal? Era um duplo de Deus, que, mais tarde, exigiria aquele animal de volta. Jesus, porém, não o soube. Mais tarde saberia que Deus era como “judeu rico” (p. 364).

Saramago mostra, ironicamente, o clima que reinava em Jerusalém: uma festa, “um desfilar de gente” (p. 249), gritando: “Aleluia; Hosana, Ámen”. Traduzindo, o que aquela gente dizia em hebraico era, respectivamente, “louvai a Deus”; “salve, nós pedimos”; “verdadeiramente”.¹⁴ Fossem outros os tempos, ouvir-se-ia “Evoé” ou “Hip hip hurrah” (p. 249), porém essas não eram saudações que se dissessem naquele tempo, pois a primeira era o grito das bacantes em honra de Dionísio, deus que os judeus não cultuavam, e a segunda, brinde profano regado a vinho, entoado nas festas quando se homenageia alguém.

¹⁴ MCKENZIE, 1983, p. 21, 33, 429.

Mas, de repente, “como se uma luz houvesse nascido dentro dele”, Jesus decidiu não sacrificar o cordeiro. Partiria mais pecador ainda, mas o seu cordeiro não iria engrossar “o mar de sangue infinito” que escorria pelas escadas do Templo. Vimos que esse Jesus é um rapaz inconformado com seu destino e rebelde. Primogênito, abandonou a casa materna, quando a tradição mandava que ocupasse o lugar de seu pai. Ganhou o mundo e arranhou um amigo que não pode ser considerado boa companhia, pois, em vez de lhe inculcar os bons princípios do judaísmo, a toda hora o instiga com divagações filosóficas e teológicas estranhas. O resultado é que Jesus não é mais um judeu da tradição: rompeu com os princípios de sua religião.

Jesus voltava de Jerusalém, quando encontrou a mãe e os irmãos mais velhos. Passado o momento inicial do reencontro, de bênçãos e abraços, Maria quis saber como vivia o filho. Ficou sabendo da ida a Belém, do encontro na cova onde nascera com o homem que o governava e disse “Esse homem é um demônio” (p.253). Então, Maria contou-lhe o que acontecera. Estava grávida, e no dia em que José o soubera, aquele mesmo homem tinha aparecido como mendigo, dizendo ser um anjo; depois, na estrada, quando iam para Belém para o recenseamento aparecera novamente; há pouco tempo, quando Jesus saíra de casa, arrancara a árvore que tinha nascido da terra luminosa enterrada no quintal de casa. Maria pediu ao filho para voltar para casa, mas Jesus não concordou, pois precisava saber quem era aquele homem que o acompanhava desde que nascera, e disse: “O Senhor é o meu pastor” (p. 255). Só faltou Jesus completar a frase e dizer: “nada me faltará” (cf. Sl 22, 1). O intertexto bíblico ganha em ambigüidade, servindo à estratégia da paródia, pois, ao deslocar as palavras sagradas do contexto elevado, essas tornam-se irônicas, passando a serem lidas literalmente.

No regresso, uma trovoada repentina. Um raio caiu numa solitária oliveira que ardeu, como um archote, e Jesus foi atirado ao chão. Atordado, levantou-se, prosseguiu o caminho. Dois acontecimentos ocorridos chamam nossa atenção, pois são

metáforas anunciadoras de acontecimentos futuros. Primeiro, o rompimento de Jesus com a lei mosaica ao não sacrificar o cordeiro pascal; em seguida, a súbita trovoada e a oliveira queimada. A oliveira é o símbolo da paz na tradição judaica e na cristã; a lei mosaica é o código de conduta moral e religiosa dos judeus; o trovão, segundo a tradição bíblica, é a voz de Iahweh, a manifestação de sua justiça e cólera, ou de sua aprovação. Temos, neste momento da narrativa, a antecipação dos planos divinos para Jesus: ruptura com o judaísmo, a teofania da aprovação e a antecipação de um tempo de lutas que jamais cessou. Jerusalém é, ainda hoje, uma cidade disputada pelas religiões cristã, judaica e muçulmana.

Ao chegar, Jesus ficou surpreso, pois o Pastor disse saber que a trovoada o esperava... Quanto ao cordeiro, seria mais um no rebanho, mas o Pastor decidiu ser necessário marcá-lo, diferenciá-lo dos restantes para poder ser reconhecido no momento aprazado. Fê-lo rapidamente, com uma incisão na orelha, apesar dos protesto de Jesus; aliás, ele mesmo também carregava uma marca, a da circuncisão.

Passou três anos, convivendo com o Pastor, aprendendo o mister do pastoreio, quando, um dia, ele disse “A tua ovelha não está no rebanho, vai procurá-la” (p.259). Ora é preciso ser um bom pastor, para conhecer todas as ovelhas e notar que apenas uma falta no rebanho. E lá foi Jesus procurar a ovelha extraviada que não estava nos prados viçosos que para trás ficaram. Só podia ter ido para o deserto e seria ao deserto que Jesus teria de ir. Esta passagem traz implicitamente a conhecida parábola de Jesus Cristo “A ovelha perdida”. Apresentada *in extenso* em João 10, com o título “O bom pastor”, é uma retomada de Mateus 18, 12-14 e de Lucas 15, prevalecendo em todos a imagem do bom pastor, que tendo perdido uma de suas ovelhas, deixa as outras e vai procurá-la até a encontrar. O sentido místico é que Cristo é o bom pastor, aquele que tudo faz para recuperar uma só, metonimicamente qualquer homem que não pertença à religião pregada por Cristo.

A ironia apresenta-se, uma vez mais, pois o contexto primeiro de Cristo como o bom pastor é transferido para o Pastor, figura

demoníaca, acrescido do episódio da permanência de Cristo no deserto por quarenta dias, levado pelo Espírito Santo, durante os quais é tentado pelo demônio que lhe oferece as glórias terrenas (cf. Mt 4, 1-11; Mc 1, 12-13; Lc 4, 1-13). Todos sabemos que as palavras do outro, descontextualizadas, perdem o sentido primeiro e podem ser usadas para fins diametralmente opostos. Na linguagem comum é habitual tal estratégia irônica, o tom com que as palavras são ditas evidencia claramente tal propósito. Vejamos a arquitetura irônica do episódio da busca da ovelha e do encontro com Deus no deserto. Primeiro, como já referimos, Jesus é induzido a ir ao deserto pelo Pastor, o grande rival e coadjutor de Deus. Há uma inversão do sentido bíblico, de transcendência, transposto para o prosaico na narrativa. A motivação é prática: a ovelha desgarrou-se, logo é preciso procurá-la. Desse modo, o sentido metafórico perdeu-se, visto não se tratar de parábola, apenas de solução do problema. Em seguida, Jesus encontra no deserto Deus, e não o diabo. No diálogo travado entre Jesus e Deus, este diz que “um dia” vai “querer tudo” dele, “a vida”. Ingenuamente, Jesus disse “tu és o Senhor, sempre vais levando de nós as vidas que nos dás, (...) (pergunta) E a minha vida, quere-la para quê” (p. 263)? Deus, então, continua: “Não é ainda tempo de o saberes, ainda tens muito que viver, mas venho anunciar-te, para que vás dispondo o espírito e o corpo, que é de ventura suprema o destino que estou a preparar para ti” (p.263). Surpreso, Jesus quer saber mais e Deus adianta: “terás o poder e a glória.” Jesus não entendeu nada do plano divino, mas teve de contentar-se com a promessa: “tornarás a encontrar-me quando estiveres preparado, mas os meus sinais acompanhar-te-ão desde agora” (p. 263).

Para selar o pacto unilateral, Deus exigiu o sacrifício da ovelha, perdida e reencontrada, não sacrificada na Páscoa de três anos atrás, tornada mero pretexto do encontro. Jesus relutou, mas foi-lhe dito: “não me contraries, quero esta”. Retrucou que tinha defeito e Deus contrapôs: “enganaste, a orelha está intacta”. Ainda alegou que não havia cutelo. Pronto um cutelo surgiu e Deus ordenou “vá, despacha-te, tenho mais que fazer” (p. 264). Bem que Jesus tentou protelar a celebração da “aliança”. Porém, não teve outro remédio

senão sacrificar a ovelha. Ouviu, então, um Aaaah de satisfação de Deus, a aliança estava selada. Antes de ir perguntou-lhe sobre o Pastor, ouviu apenas “é alguém que eu conheço” (p. 263).

As palavras de Deus são de uma vulgaridade tal, que beiram o comezinho: nada há nelas que revele dignidade. São além de vulgares, ditatoriais e chantagistas: “não me aborreças”, “não me contraries, quero esta”, “sacrifica então, ou não haverá aliança”, “Que enfadonho és, homem, que mais temos agora”, “Quê” (p. 263-4). Saramago revela-nos, então, a face de Deus ficcional: um tirano inescrupuloso, que não admite negociação, cuja palavra tem de prevalecer, independentemente da dos outros. É o desmonte do Deus bíblico, deus de bondade e tolerância, o duplo paródico de seu homônimo; um deus para quem “não há frente nem costas” (p. 264), ou seja, para quem tanto faz o bem ou o mal; o importante é que os fins propostos sejam atingidos!

Jesus partiu, certamente, atordoado. Ao reencontrar o Pastor disse ter estado com Deus e sacrificado a ovelha. Laconicamente, ele disse “não aprendeste nada, vai.”(p. 265). Com o cajado, o Pastor traçou “um risco no chão, fundo como rego de arado, intransponível como uma vala de fogo” (p.265). Traçar um risco no chão é delimitar um território; o risco é a fronteira proibida que não poderá ser ultrapassada. Assim, o Pastor demarcou o território, Jesus não mais poderia mudar de lado, a escolha estava feita: terminara a longa convivência entre os dois.

Ora, o ritual iniciático do Jesus bíblico é o batismo feito por João Batista, no Jordão, ao passo que o rito de passagem é a tentação pelo diabo, durante quarenta dias, no deserto. Esses episódios são narrados por todos os evangelistas. Vejamos o simbolismo contido nesses rituais. O batismo é um rito de imersão, símbolo de purificação e renovação, associado em diversas culturas, principalmente, à morte e ao nascimento. No batismo, o velho homem morre e nasce um novo. Quarenta é o número que simboliza preparação, provação.¹⁵ Na Bíblia, são numerosos os episódios associados ao simbolismo desse número. Citamos, somente, dois: o dilúvio durou

quarenta dias (Gn 7, 4); Moisés vagou durante quarenta anos no deserto (Nm 32, 13). Assim, a simbologia desse número está associada a um ciclo de provações, findo o qual é atingida uma mudança positiva.

Se o ritual iniciático do Jesus bíblico é feito por um enviado de Deus, João Batista, o rito de passagem é conduzido pelo diabo, consistindo, portanto, num rito negativo, um tabu. Dado que Jesus Cristo não sucumbiu à tentação do demônio, esse rito adquiriu um sentido positivo. Na narrativa saramaguiana, ocorre a inversão paródica do intertexto bíblico, estratégia inerente à tessitura da paródia.

Vejamos. O Jesus ficcional passou quatro anos com o Pastor, sendo este o responsável pela iniciação. Foram quatro anos de isolamento, no entanto, tranquilos, passados em plena liberdade. O simbolismo desse número significa a plenitude, a universalidade, é um símbolo totalizador, tendo uma relação estreita com o simbolismo da cruz. A cruz, com seus dois eixos, o vertical e o horizontal, representa o homem na sua totalidade, com seus anseios espirituais e terrestres.¹⁶ Dado que este nosso Jesus sucumbiu às propostas divinas, estabeleceu uma aliança cujo preço, como lhe foi anunciado, é a própria vida. Até ao final da vida, os caminhos que Jesus tomará estarão relacionados com essas coordenadas. A verticalidade que une o homem a Deus e a horizontalidade dos relacionamentos humanos, símbolo da cruz, são a metáfora anunciadora do fim trágico do Jesus recriado em “papel e tinta” (p.13) por José Saramago.

¹⁵ Cf. Chevalier, 1993, p. 126, 757.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoievski*. Trad. de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense, 1981.
- BÍBLIA SAGRADA. *Tradução dos originais mediante a versão dos Monges de Maredsous (Bélgica) pelo Centro Bíblico Católico*. 109 ed. Revista por Frei João José Pereira Castro, O. F. M. e pela equipe da editora. São Paulo: Ave-Maria, 1997.
- CHEVALIER, Jean. GHEERBANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Trad. de Vera da Costa e Silva et ali. 7 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- COUSTÉ, Alberto. *Biografia do diabo: o diabo como a sombra de Deus na história*. Trad. de Luca Albuquerque. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1996.
- FRYE, Northrop. *Le grand code: la Bible et la littérature*. Trad. de Catherine Malamoud. Paris: Seuil, 1984.
- GENNEP, Arnold Van. *Os ritos de passagem*. Trad. de Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 1978.
- MANN, Thomas. *Doutor Fausto*. Trad. de Herbert Caro. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.
- MCKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*. Trad. de Álvaro Cunha et ali. São Paulo: Paulus, 1983.
- MIELIETINSKI, E. M. *A poética do mito*. Trad. de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense, 1987.
- MURARO, Rose Marie. “Breve introdução histórica”. In: Kramer, Heinrich e Sprenger, James. *O martelo das feiticeiras: Malleus maleficarum*. Trad. de Paulo Fróes. 10 ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.
- SARAMAGO, José. *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. 13 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- TORRINHA, Francisco. *Dicionário latino-português*. 3 ed. Porto: Maránus, 1945.

Resumo

Este trabalho faz parte da dissertação de mestrado, defendida na UFRN, intitulada “Do mito ao romance: uma leitura de *O evangelho segundo Jesus Cristo*”. O nosso objetivo em “A transgressão iniciática” é a análise do papel representado pelo diabo, na iniciação de Jesus. O diabo representa na tradição cristã o rival de Deus, o Mal. No *Evangelho* de Saramago, o diabo é construído como duplo paródico do tradicional, revelando qualidades e atributos tradicionalmente atribuídos a Deus.

Résumé

Ce travail fait partie de la dissertation de maîtrise, présentée à l' Université Fédéral du Rio Grande do Norte, intitulée “Du mythe au roman: une lecture de *L'évangile selon Jésus Christ*”. Notre but dans “La transgression initiatique” c' est d'analyser le rôle présenté par le diable dans l'initiation de Jésus. Le diable dans la tradition chrétienne se présente comme le rival de Dieu, le Mal. Dans l' *Évangile* selon Saramago, le diable est le double parodique du traditionnel, puisque il a des qualités et des attributs qui d'habitude sont inhérents à Dieu.